

**PROVA PARA AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE PARA FREQUÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR DOS
MAIORES DE 23 ANOS**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais / Escola Superior de Educação e Comunicação

2020/2021

**Componente Específica de Português para o ingresso nas licenciaturas de:
Línguas e Comunicação/Línguas, Literaturas e Culturas/Ciências da Comunicação**

Parte I

Leia atentamente a seguinte crónica de Pacheco Pereira e responda às questões:

No meio da tempestade

A história é uma coisa muito complicada. Permite fazer comparações e permite enganarmo-nos com as comparações. Representa muitas vezes o único património de experiência para vermos como foi no passado e, ao mesmo tempo, seduz-nos com comparações que são enganosas, porque o passado não é o presente. Mas vale sempre a pena usarmos o único reservatório de experiência para defrontarmos uma situação nova. A história não substitui a ciência, a biologia, a medicina, a matemática. A ciência pode saber ainda pouco sobre a covid-19, mas sabe bastante sobre epidemias e pandemias, e esta, no seu desenvolvimento, não parece afastar-se dos padrões conhecidos. Já sabe menos sobre os comportamentos sociais que estão associados a esta pandemia do século XXI, e talvez aí a história saiba mais.

Comecemos por uma pergunta: como é que uma pandemia, com um vírus de uma família conhecida, altamente contagioso mas relativamente moderado nos seus efeitos, e com uma taxa de mortalidade baixa em geral, provoca este verdadeiro cataclismo social e económico, com o encerramento de quase todas as atividades produtivas, as cidades vazias, os transportes parados, milhões de pessoas confinadas em casa?

A pergunta não serve para contrariar os esforços atuais para travar o contágio do vírus e a importância do distanciamento social não só para impedir a propagação da doença, mas para proteger os grupos de risco conhecidos, em particular os mais velhos. A pergunta não questiona a atitude dura das autoridades sanitárias e dos Estados para tratar o maior número de pessoas, aliviar as que sofrem e impedir um grande número de mortes nos grupos de risco. Acima de tudo, não questiona a salvaguarda do efeito de sobrecarga dos sistemas de saúde, talvez o mais perigoso efeito da disseminação da infeção. Mas tem sentido, até porque é legítimo colocar a questão de saber se não estamos a ter uma *overdose* de resposta, cujos efeitos perversos podem ser maiores, sem razão. A pergunta não diz que estamos a ter excesso de resposta, diz que essa hipótese pode ser legitimamente colocada sem pôr em causa o que se está a passar, tanto mais

que há muitos fatores desconhecidos sobre a pandemia. Mas o principal fator conhecido nas respostas sociais, o medo, provavelmente nunca daria espaço a que se mudasse alguma coisa.

Se tivermos em conta a pergunta, devemos analisar muitas das diferenças entre a pandemia da covid-19 e a sua antepassada mais semelhante na dimensão, a gripe pneumónica de 1918-9, a “gripe espanhola”. O grau de destruição e morte da pandemia de 1918 foi enorme, na ordem de muitas dezenas de milhões de pessoas, mas as fábricas não pararam, a quarentena severa limitou-se, em grande parte, aos hospitais e às casernas, embora a proibição de concentrações, espetáculos e outros ajuntamentos, assim como o uso de máscaras, aproxime a gripe de 1918 da covid-19. Um caso grave de contágio coletivo foi uma parada em Filadélfia, com cerca de 200.000 espectadores. No dia seguinte, os hospitais estavam cheios.

Podíamos então fazer a contrapergunta: se tivessem sido tomadas em 1918-9 as medidas atuais, teria sido possível diminuir drasticamente o número de mortes? E, dada a elevada taxa de mortalidade, não teria então tido mais sentido essa quarentena rigorosa, tanto mais que os conhecimentos científicos da época já eram suficientes para perceber os mecanismos de propagação? A resposta é provavelmente sim, mas sem a militarização generalizada dos países, em particular as cidades, nada de parecido com o que se passa hoje teria sido possível. Estávamos num tempo de grande convulsão social, com revoltas e revoluções em vários países, violência social e política generalizada, que coincidiu com os efeitos devastadores da Primeira Guerra e, depois, da pandemia propriamente dita. Entre 1917 e 1921, a Europa estava a ferro e fogo: levantamentos, greves, motins, assaltos nas ruas, tudo fazia parte da vida coletiva. Mesmo em Portugal, que militarmente sofreu o seu maior abalo nas batalhas do final da guerra, com mortos, feridos, gaseados e prisioneiros, conheceu-se um período ímpar de convulsões sociais, desde a primeira tentativa de uma greve geral, em 1918, aos assaltos às mercearias e armazéns suspeitos de açambarcamento, aos assassinatos políticos e bombas.

A gripe de 1918 tinha também um efeito traumático de matar mais jovens adultos, enquanto a covid-19 mata os velhos. Na verdade, esse efeito dobrava o da guerra, onde uma parte importante da população de jovens numa aldeia podia desaparecer numas horas nas trincheiras do Somme e depois vir, mais lentamente, a morrer de gripe quando regressava da tropa. Hoje, com a covid-19, verifica-se que muitos lares de idosos são verdadeiras incubadoras do vírus, mas uma sociedade que vive o mito da juventude na arte, na cultura, no desporto, na vida, permanece bastante indiferente à sorte desses alvos preferenciais do vírus.

As grandes diferenças entre 1918 e 2020 são duas: a globalização e o tecido comunicacional, no qual são embebidas todas as ações e decisões. E é esse tecido que muda quase tudo nesses cem anos de diferença. Por um lado, tem um enorme feito positivo de fornecer informação, pois hoje o homem comum nas cidades sabe muito mais sobre o que se está a passar e sobre o que deve ou não fazer, do que em 1918. Por outro lado, dá uma dimensão individual e coletiva ao medo, cria pela “mensagem” da comunicação social, pelo monotematismo dos noticiários, pelas reportagens casuísticas e, nalguns casos, pelo alarmismo de jornalistas que não percebem os números, um efeito de favorecer uma pressão para os excessos da quarentena que não é a mesma coisa do que a distanciação social. (...)

José Pacheco Pereira, *Público*, 28 de março de 2020

Nas questões 1 e 2, escolha a alínea correta de modo a completar cada afirmação:

1. De acordo com o texto, as comparações históricas podem ser enganosas porque
 - a) a história não substitui a ciência.
 - b) o conhecimento da história é inútil perante situações novas.
 - c) o presente nunca é idêntico ao passado.
 - d) a história não nos dá informação sobre pandemias.

(1,0 valor)

2. De acordo com o texto, a consequência mais perigosa da propagação da infeção do Covid-19 talvez seja
 - a) gerar-se um grande número de mortes nos grupos de risco.
 - b) os sistemas de saúde ficarem sobrecarregados.
 - c) a atitude das autoridades sanitárias e dos Estados ser demasiado dura.
 - d) o sentimento de medo que provoca nas pessoas.

(1,0 valor)

3. Por que razão é, segundo o texto, a história indispensável para a compreensão de pandemias como o Covid-19?

(1,5 valores)

4. Que diferenças identifica o autor entre o contexto político e social da “gripe espanhola” e o da Covid-19?

(2,5 valores)

5. Considera o autor que as medidas de confinamento e distanciamento social tomadas pelos Estados no combate à Covid-19 são exageradas?

(2,0 valores)

Parte II

6. Reformule a seguinte frase, mantendo o significado, iniciando com “não creio” e utilizando a conjunção “embora”:

Apesar de trazerem muita bagagem, penso que eles não tiveram problemas.

(1,5 valores)

7. Identifique o tempo e o modo correspondentes a cada uma das seguintes formas verbais:

agradecemos fá-lo-ei puser

(0,75 valores)

8. Indique a que categorias de palavra (*nome/substantivo, verbo, adjetivo, etc.*) pertencem as seguintes formas:

limitado bem anuncio

(0,75 valores)

9. Assinale e corrija os erros ocorrentes nas frases seguintes:

a) *As pessoas que vêm o que as outras não vêm são as que têm sucesso na vida.*

b) *Este confinamento até seria suportável se se pode-se ir comer uns petiscos de vez em quando.*

(1,0 valor)

Parte III

10. Elabore um texto argumentativo em que exprima, de forma clara, coesa e fundamentada, o seu ponto de vista sobre **um dos temas seguintes**. A sua resposta não deverá ter menos de 250 (duzentas e cinquenta) ou mais de 350 (trezentas e cinquenta) palavras.

(8,0 valores)

Tema A

Subscreve o ponto de vista de Pacheco Pereira no texto que analisou na Parte I deste exame? Deverá, na sua resposta, identificar as ideias principais defendidas pelo autor, mostrando por que razão concorda com elas ou não.

Tema B

Afirma-se frequentemente que as redes sociais, em vez de um meio para o exercício da liberdade de expressão e da plena cidadania, são sobretudo um instrumento para a divulgação, cirurgicamente planeada, de certas ideologias e maneiras de pensar. Concorda com esta ideia?